

LEIA AS COLUNAS DO JORNAL



FORTALEZA, CEARÁ | QUARTA-FEIRA | 26 DE SETEMBRO DE 2007

CONTA

- Alterar Dados
- Sair

ESPECIAL

Diário 1981-2006

CADERNOS

Capa de Hoje

Colunas

Última Hora

Opinião

Política

Nacional

Internacional

Cidade

Polícia

Negócios

Caderno 3

Jogada

Regional

Zoeira

SUPLEMENTOS

Automóvel

Cultura

Eva

Gente

Infantil

Tecnologia

Turismo

Viva

SERVIÇOS

Alô Redação

Circulação

Classificados

Edições Anteriores

Expediente

Jornal na Sala de Aula

Política de Privacidade

VEÍCULOS

FM 93

Portal Verdes Mares

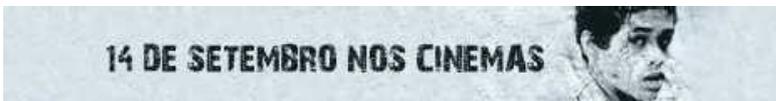
Recife FM

TV Diário

TV Verdes Mares

Verdinha

PRIMEIRA PÁGINA



TEATRO (5/9/2007)

O primeiro encontro

Parceria de B. de Paiva e Eduardo Campos com a Comédia Cearense é sucesso nos anos 60

O bom da errância cearense é que ela sempre deixa portas abertas. São muitos os que vão; também são muitos os que voltam. Nascido em Fortaleza em 1932, José Maria Bezerra Paiva ganhou o mundo. Um problema de saúde — "não foi o teatro, não", faz questão de ressaltar — o levou ao Rio de Janeiro em 1954. Lá, ficara seis longos anos. Morara nos camarins do Teatro Duse (sede do famoso Teatro do Estudante do Brasil, liderado pelo mestre Paschoal Carlos Magno) e reforçara seus conhecimentos teatrais, muito difusos antes da partida. Aqui, B. de Paiva fora um dos fundadores do Teatro Experimental de Arte, em 1952.

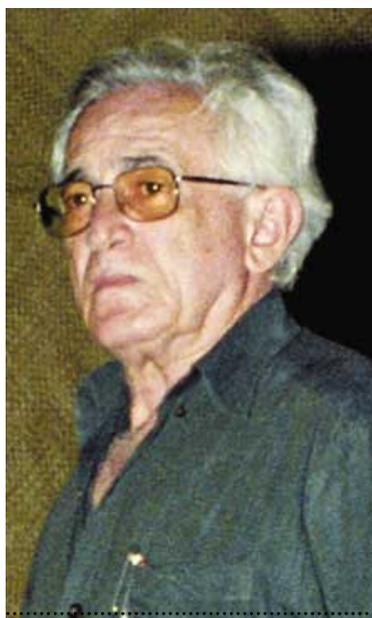
Em 1955, com a consolidação da Universidade do Ceará (hoje UFC), Fortaleza tem sua vida cultural oxigenada. O então e eterno reitor Antônio Martins Filho cria o Museu de Arte (MAUC), a Imprensa Universitária e o Curso de Arte Dramática (CAD). Foi o instituto de formação de atores que trouxe B. de volta ao ninho. "O CAD era uma idéia muito boa. Se tem uma coisa que não me conformo com o Ceará é ver a situação do curso. O professor Martins Filho queria uma graduação em artes cênicas. É uma pena que o CAD ainda hoje não tenha atingido sua função primeira, mas a idéia original era muito boa. Fortaleza precisava de uma cena mais consistente e isso só se adquire com formação", considera o veterano ator e diretor.

O regresso de B. foi definitivo. Já casado, ele voltara acompanhado da bailarina Tereza Bittencourt. No Curso de Arte Dramática, ela dava aulas de expressão corporal. Em 1963, porém, Tereza (naqueles quando, Paiva) inaugurara a Academia de Ballet Vaslav Veltchek no Theatro José de Alencar. À esta altura, com a Comédia Cearense residente formal do TJA, a escola teve crucial importância porque parte das

GALERIA



"O MORRO DO OURO", peça de 1963, marca o encontro do dramaturgo Eduardo Campos com o elenco da Comédia Cearense, então capitaneado pelo diretor B. de Paiva (Foto: REPRODUÇÃO)



Zonas de conflito em debate

Desde o começo da semana, acontece em São Paulo a...



Folk à brasileira

Vindo do Mato Grosso, o quinteto Vanguard propõe uma releitura...



Ao piano de Antônio José

O pianista Antônio José Forte é a...



A angústia do trabalho acadêmico

O professor Rui Martinho Rodrigues lança hoje, às 19...



A Justiça como vocação

O ministro do Superior Tribunal de Justiça e membro da...

vagas eram pagas pelo Governo do Estado. A academia de Tereza Bittencourt é, em linhas gerais, a primeira experiência local específica na capacitação de bailarinos. Também atriz, ela participou de várias montagens da companhia, a exemplo da segunda versão de "Lady Godiva", em 1963.

Do comando do CAD, B. de Paiva não tardou a realinhar seus passos com o amigo e colega Haroldo Serra, com quem protagonizara o Teatro Experimental de Arte. "Quando voltei do Rio, a Comédia Cearense era uma linda realidade. Nunca tive um convite formal para integrar a companhia. Cheguei e logo retomei a parceria com o Haroldo, quem considero um dos mais importantes nomes do teatro nacional", lembra o diretor. "A vida é sempre uma extensão. A gente só começa uma coisa uma única vez e termina só na eternidade. Assim, é a minha amizade com o Haroldo Serra e a minha relação com o teatro", completa. Em 1963, veio, então, o primeiro fruto: "O Pagador de Promessas", de Dias Gomes. Ao todo, foram 22 apresentações. Um feito, para a época. "As temporadas eram de três dias", graceja B. de Paiva. O espetáculo eternizou-se pela genialidade do ator José Humberto Cavalcante no papel principal.

A "Santíssima Trindade" da cena cearense

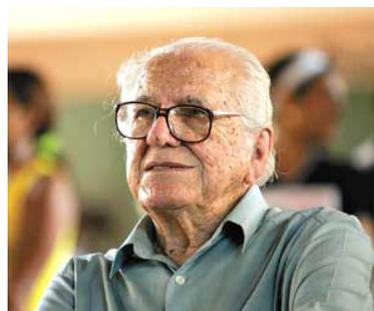
Passado o sucesso de "O Pagador de Promessas", faltava à Comédia Cearense conseguir fazer "à cearense", de fato e direito, uma produção do gênero. Foi, então, que B. de Paiva e Haroldo Serra foram bater à porta do dramaturgo Eduardo Campos. Dos três, o de mais antiga contribuição teatral, Manuelito Eduardo, como é chamado pelos colegas, iniciara sua carreira de autor em 1950 com o texto "O Demônio e a Rosa", encenado por Waldemar Garcia, um dos marcos do moderno teatro cearense.

"O Morro do Ouro", primeiro trabalho seu para a Comédia Cearense, foi montado em 1964. "Não vou dizer que seja uma dramaturgia de encomenda, mas a gente procurou o Manuelito. Fazia parte dos planos da Comédia Cearense o investimento na dramaturgia local, então a gente entregou nas mãos dele nosso desejo de colocar o teatro cearense no mesmo patamar do que de melhor se fazia no Brasil naquele momento", pondera o diretor Haroldo Serra. No caso, algo que se aproximasse do texto do baiano Dias Gomes, afamado pela versão do paulista Flávio Rangel para o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) em 1960.

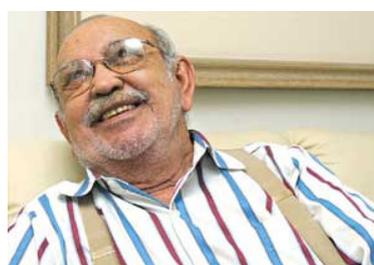
"O Manuelito é um autor fabuloso. Naquele momento, ele já era uma referência para mim e para o Haroldo. 'O Morro do Ouro' foi um grande desafio para todos nós da Comédia Cearense, mas valeu muito a pena. Ali, o Ceará consolidava uma dramaturgia moderna, consistente para receber uma nova encenação", argumenta B. de Paiva, responsável pela montagem. Na seqüência, a companhia estreou "Eles não usam black-tie", de Gianfrancesco Guarnieri, e "O beijo no asfalto", de Nelson Rodrigues.

No ano seguinte, mais um grande Manuelito. Talvez, o maior de todos: "Rosa do Lagamar", sucesso estrondoso da Comédia Cearense, que projetou a atriz Hiramisa Serra, no papel título, nacionalmente. "Com a Comédia Cearense, eu me senti realmente fazendo teatro. Foi uma época muito positiva, uma experiência de grupo mesmo", lembra o dramaturgo. Eduardo Campos, ainda nos anos 1960, viu a companhia encená-lo em: "A farsa do cangaceiro astucioso" (1965) e "O fazedor de milagres" (1967). Firmou-se, então, os alicerces de uma cena definitiva, bem mais forte que o tempo.

B. de Paiva, o diretor, possibilitou uma renovação estética da Comédia Cearense



Eduardo Campos, o dramaturgo, vinha afirmar a opção pela dramaturgia local



Haroldo Serra, o produtor, transformava em realidade as mil idéias de Paiva e Campos

ENTREVISTA - HIRAMISA SERRA*

‘A Comédia Cearense nasce, de fato, com B., Haroldo Serra e Manuelito’

“O Morro do Ouro” ou “Rosa do Lagamar”?

“Rosa do Lagamar”, fiz 500 apresentações dessa peça.

Qual o grande diferencial das dramaturgias de Eduardo Campos?

O Manuelito aborda temas muito relevantes. As peças dele são como que reportagens. Ele é um exímio conhecedor das dores e alegrias do homem.

Como Rosa, a senhora conquistou projeção. Que lembranças tem dela?

Meu encontro com Rosa foi maravilhoso, trabalhava com Lurdinha Falcão, minha parceira de palco. Tinha cenas hilárias e outras muito sofridas. Rosa era muito forte, uma mãe como outra qualquer.

O que representou para a Comédia Cearense o encontro do teatro de Campos e B. de Paiva?

A Comédia Cearense nasce, de fato, com B., Haroldo Serra e Manuelito. A parceria dos três foi muito frutífera. Eram pessoas que se entendiam muito bem em cena e fora dela. Foi quando conseguimos nos firmar como grupo.

* Atriz

MAGELA LIMA

Repórter

Consulta CPF/CNPJ Online

Pendências e Restrições financeiras Protestos e Cheques sem fundo

Código Barra

Buscando Código Barra Compare 5 fornecedores aqui

Anúncios 

COMENTE ESSA MATÉRIA

NOME:

E-MAIL:

CIDADE:

TELEFONE:

COMENTÁRIO
:

OK